

A TEORIA DO GLOBALISMO E SUAS FALÁCIAS

Anselmo Heidrich¹

Resumo: O objetivo deste artigo é propor um exercício de falseamento da Teoria do Globalismo, vista como capaz de explicar as tendências de poder global atuais e decadência da civilização ocidental, através da formação de um “estado mundial”.

Palavras-chave: Falseabilidade, Globalismo, Teoria da Ferradura.

THE THEORY OF GLOBALISM AND ITS FALLACIES

Abstract: The objective of this article is to propose an exercise in the falsification of the Theory of Globalism, seen as capable of explaining current trends in global power and the decadence of Western civilization, through the formation of a “world state”.

Keywords: Falsifiability, Globalism, Horseshoe Theory.

LA TEORÍA DEL GLOBALISMO Y SUS FALACIAS

Resumen: El objetivo de este artículo es proponer un ejercicio de falsificación de la Teoría del Globalismo, vista como capaz de explicar las tendencias actuales del poder global y la decadencia de la civilización occidental, a través de la formación de un “estado mundial”.

Palabras clave: Falsabilidad, Globalismo, Teoría de la Herradura.

Introdução

As ideias dos economistas e dos filósofos políticos, tanto quando estão certos como quando estão errados, são muito mais poderosas do que normalmente se imagina. Na verdade, o mundo é governado quase que exclusivamente por elas. Homens práticos, que se julgam imunes a quaisquer influências intelectuais, geralmente são escravos de algum economista já falecido.

John M. Keynes

¹ Professor de Geografia do IFRS, Mestre em Geografia Humana - USP.

O *globalismo* se tornou nos últimos anos uma palavra de uso cada vez mais frequente, seja em redes sociais, mídia ou textos e ensaios acadêmicos. Aparentemente consensual, seu significado não vem sendo tratado com clareza e de forma explícita, sobretudo porque não foi posto sob escrutínio metodológico rigoroso.

Neste artigo, vamos submeter a teoria do globalismo ao critério de *falseamento*, conforme definido por Karl Popper.

O Critério de Falseabilidade

Karl R. Popper explica o que vem a ser seu *critério de falseabilidade* das teorias científicas:

Uma vez proposta e submetida a prova a hipótese e tendo ela comprovado suas qualidades, não se pode permitir seu afastamento sem uma 'boa razão'. Uma 'boa razão' será, por exemplo, sua substituição por outra hipótese (POPPER, 1993, p. 56).

Ou seja, uma teoria perdura até que outra, melhor, mais acurada, mais abrangente a substitua como explicação mais verossímil. Essa é a súmula do critério de falseamento na metodologia *popperiana*. Se o globalismo fosse mesmo um fenômeno global de compreensão, *cada vez mais*, aceita e comprovada não seria possível vermos casos e mais casos que contraditassem a afirmação de seu conceito, como “um movimento destinado à destruição da tradição judaico-cristão ou civilização ocidental gerido por uma megaorganização burocrática e formação de um estado mundial”.

Casos crescentes numericamente e em qualidade que desafiam esta suposta tendência globalista porque, na verdade, *o globalismo não passa de um espantinho teórico*, isto é, uma teoria feita para mistificar uma relação, intencionalmente com fins políticos ou de modo não intencional (hipótese que acreditamos), como produto de uma subcultura mistificadora e calcada em teorias conspiratórias. O “globalismo” é um dos conceitos mais utilizados na atual conjuntura de debates políticos,

basicamente por sua capacidade de sedução, explicação fácil e abrangente onde “tudo se encaixa”. Ele parte do princípio de que existe uma gigantesca articulação, moderna, ligada ao grande empresariado multinacional em conluio com governos de estados-nação com um objetivo, que também serve de meio para manutenção de seu poder global, de “destruição da Civilização Ocidental”. Segundo Filipe G. Martins, assessor internacional do presidente da república:

Globalismo é a ideologia que preconiza a construção de um aparato burocrático - de alcance global, centralizador e pouco transparente - capaz de controlar, gerir e guiar os fluxos espontâneos da globalização de acordo com certos projetos de poder (MARTINS *apud* MARCHAO, 2019, n.p).

O que parece ser uma resposta simples, na verdade não é. Qualquer um que se debruce sobre o fenômeno burocrático sabe que ele tende à estática e é avesso às mudanças e demandas da sociedade edificando sua estrutura de poder. Portanto, “aparato burocrático” que gere “fluxos espontâneos” e em escala global requer um grande esforço de imaginação para entender (e defender a hipótese de) seu funcionamento.

Vejamos aqui o que Max Weber tem a nos dizer sobre o fenômeno burocrático:

Más bien hay que tener muy en cuenta que el concepto político de la democracia deduce de la “igualdad jurídica” de los dominados estos otros dos postulados: 1) Trabas al desarrollo de un “estamento de funcionarios” cerrado em favor de la accesabilidad general a los cargos, y 2) reducción a lo mínimo de su poder em interés de la mayor amplitud posible de la influencia ejercida por la “opinión pública” por lo tanto, siempre que sea posible, postulada la provisión de las vacantes mediante elección revocable y sin tener em cuenta ninguna aptitud profesional especialista. Com ello entra inevitablemente em conflicto con las tendencias a la burocratización por ella producidas – tendencias que surgen a consecuencia de su lucha contra el cominio de los *honorarios*. Por consiguiente, no consideraremos aqui la imprecisa designación de “democratización” en tanto que por ella se entienda la reducción a lo mínimo del poder ejercido por los “funcionarios profesionales” a favor de un dominio en lo posible “directo” del “demos”, es decir, prácticamente de un dominio de los correspondientes jefes de Partido. Lo decisivo es más bien, en nuestro caso, exclusivamente la *nivelación de los grupos dominados* con respecto a los grupos dominadores burocráticamente articulados, los cuales pueden poseer por su lado de hecho, y con frecuencia también formalmente, una estructura del todo autocrática (WEBER, 1987, p. 739).

O que Weber diz neste parágrafo é que a burocracia, de fato, a verdadeira, historicamente, elimina privilégios, iguala direitos e isto vai em sentido contrário à formação e cristalização de certos partidos onde “notáveis” se destacam, acumulando poder. Claro que não é uma ascensão sem percalços, o que favorece os grupos que já possuem um capital acumulado. Essa perpetuação do poder econômico e político não é uma contradição com a democracia e a democracia pode, através de novos projetos de lei, modificar a relação de poder existente. O que mantém este sistema funcionando a contento é a burocracia, que estabelece uma relação de poder permitindo o que chamaríamos de “justiça social” se edifique.

O que esses excertos da obra weberiana nos mostram é que a burocracia não elimina a transparência pública. Se isto ocorre, obviamente, o funcionamento burocrático do estado apontado é falho. Outro ponto fundamental, que se refere à expansão de um movimento político, é a relação com a democracia que pode sedimentar as relações de poder preexistentes ou pressionar a mobilidade social permitindo ascensão social e econômica.

Ao levar em conta as particularidades da burocracia e da democracia, as categorias utilizadas para definição do globalismo pelo assessor para assuntos internacionais do governo brasileiro não se sustentam. A burocracia tende a manutenção da estrutura do poder, a expansão econômica – globalização – e a mudança de poder – democracia – entram em tensão (quando não, contradição) com a burocracia. Esta é a primeira refutação teórica ao conceito de globalismo atualmente em voga no Brasil.

Para melhor pontuar o nosso argumento, é oportuno citar as palavras do inspirador do assessor presidencial, Olavo de Carvalho, ao discutir o próprio assunto:

Nada é mais ingênuo (ou talvez mais esperto) do que apresentar o quadro atual do mundo como se fosse o de um combate entre as grandes empresas e o Estado, ou, o que dá na mesma, como se não fosse senão uma reedição ampliada do velho conflito do princípio capitalista com o princípio socialista. Esse giro sutil que o enfoque esquerdista impõe à visão da realidade mundial reflete uma intenção de usar a salvação das nações

como pretexto para salvar, isto sim, o que ainda possa restar da estratégia comunista mundial.

É falso dizer que o neoliberalismo favorece as empresas em detrimento dos Estados; ele favorece abertamente certos Estados contra outros Estados, e favorece sobretudo a ascensão da burocracia mundial, a qual não é nem empresa privada nem Estado-nação, mas uma terceira coisa especificamente diferente dessas duas. Esta coisa, seja lá o que for, é o verdadeiro inimigo dos Estados nacionais—sobretudo dos pequenos e fracos—e, ao mesmo tempo, o verdadeiro inimigo das empresas privadas, ao menos daquelas que ainda confiam no princípio liberal e não sonham com um monopolismo à sombra da proteção do Estado global.

É preciso, absolutamente, distinguir (...) o Estado enquanto princípio abstrato e os Estados enquanto realidades históricas concretas. O globalismo neoliberal se volta contra estes últimos, ao mesmo tempo que favorece o primeiro—sobretudo quando este se apresenta sob a forma monstruosamente inflada de Estado mundial —, mostrando, com isto, que de liberal só tem o nome. A prova é que, na mesma medida em que os neoliberais condenam as legislações nacionais de controle da economia, eles louvam a adoção de idênticos controles quando ampliados à escala mundial. Isto não é combater 'o' Estado: é combater 'alguns' Estados, sobretudo os pequenos, e favorecer outros Estados, sobretudo os maiores, sobretudo o maior de todos (CARVALHO, 1999, n.p).

Nesta longa nota, necessária, pois rica em contradições é que vemos quão insustentável é este esboço de teoria sobre o *globalismo*, vamos a elas: no primeiro parágrafo, Carvalho diz que o argumento da Esquerda de opor a empresa ao estado é uma estratégia, última (até esta data) *comunista* para criar uma falsa oposição de liberais defensores da livre-empresa contra o princípio de existência do estado. Neste ponto, se vê uma divergência filosófica de Carvalho com o liberalismo, já que ele não se opõe, por princípio, às grandes empresas e sim ao conluio destas com governos e estados. O problema é que não fica claro onde ocorreriam tais acordos escusos, o que torna a teoria de Carvalho uma hipótese *ad hoc*, isto é, uma sentença implícita dada de antemão de que há uma articulação entre estes grandes poderes, econômico e político.²

2 Aqui se faz necessária uma nota, historicamente, o liberalismo não prescindiu de acordos entre os estados-nação e organismos supranacionais tiveram de ser criados para garantir sua execução, como o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT, na sigla em inglês) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), que é uma agência da ONU. Em termos pragmáticos (e não ideológicos) a força

No segundo parágrafo Carvalho acaba flertando justamente com o *libertarianismo*, que é uma forma mais sectária de liberalismo.³ Esta aparente contradição se dá porque não há consenso sobre o que venha a ser “neoliberalismo”, seja na visão libertários, seja na visão de socialistas. Segundo Juan R. Rallo (2016), a visão neoliberal preconiza “intervenções capazes de aprimorar o mercado”, o que é claramente controverso dentro do campo de pensamento liberal e anti-socialista. Se o neoliberalismo pode ser caracterizado como uma forma moderada de intervenção estatal, para os liberais radicais, ou *libertários*, se trata de uma transferência de poder dos consumidores aos burocratas. A opção por esta segunda visão, ampliada pela ideia da expansão burocrática ao ponto de formar um estado mundial revela, no mínimo, a raiz libertária, ainda que não reconhecida em si mesma, de Carvalho a Martins.⁴ Se anteriormente Olavo de Carvalho quis se distinguir dos liberais, neste item ele se mostrou devoto da visão de um liberalismo radicalizado, anti-estatal e anti-burocrático do mesmo.

Carvalho também sustenta que se forma, através da arquitetura global proposta pela cúpula globalista, uma ordem econômica para benefício de grandes países—*potências*, dir-se-ia—em detrimento de “pequenos países”. Bem, aqui começa outra ordem de problemas, o que o autor quis, exatamente, chamar de “pequenos países” não é claro. Não fica estabelecido se por “pequeno” se trate de seu Produto Interno Bruto (PIB), reservas minerais, produção agrícola, de

das armas garantia rotas necessárias à manutenção das trocas internacionais, quer os liberais gostem ou não, necessitando da força persuasiva dos exércitos mantidos pelos seus estados.

3 Se o liberalismo vê o estado como “mal necessário”, observando que seja o menor possível, o que denota um *princípio quantitativo de valoração*, o libertarianismo, por sua vez, não faz *nenhuma distinção qualitativa*, pois para ele todos os estados são ruins.

4 *Libertária* em termos meramente econômicos, que fique bem claro, o que não se pode dizer de Olavo de Carvalho no campo da moral e dos costumes. Para esta linha de pensamento, o neoliberalismo não passaria de “um liberalismo aviltado pelo estado”. **Esta não é nossa visão**, pois existe uma diferença de conteúdo e políticas claras entre *liberais* e *neoliberais*, particularmente após a Grande Depressão nos anos 30, nos Estados Unidos, quando estes passaram a admitir a atuação estatal para conter este tipo de crise. Isto contribuiu para a sustentabilidade do capitalismo *em sentido contrário* ao que desejava a militância socialista, que defendia total intervenção estatal.

manufaturados, desenvolvimento científico-tecnológico ou tamanho de suas forças armadas e gastos com orçamento militar.

O que se pode dizer é que a maior parte dos países economicamente atrasados são, justamente, aqueles que não adotam princípios da economia de livre-mercado. Basta acompanhar o desempenho de países mais pobres no Índice de Liberdade Econômica (ILE) para se certificar disto.⁵ De que modo, por exemplo, países com excelência em seu desempenho econômico, como Dinamarca ou Nova Zelândia⁶ se enquadrariam em uma “ordem econômica neoliberal”, gerida por grandes países e uma burocracia mundial, não faz o menor sentido.

O terceiro parágrafo é a conclusão de Carvalho, onde esta série de acordos entre “grandes estados” —*neoliberalismo*, para alguns —ajudaria a sedimentar o poder de um grande estado, o “maior de todos” e que seria um “Estado mundial”. Isto, simplesmente, não tem a menor evidência empírica, mas como o autor constrói sua justificativa? Em uma frágil argumentação de que existe uma distinção entre estados, como “realidades históricas concretas” e o estado como “princípio abstrato”, como se este ente abstrato se sobrepusesse àqueles de forma descolada da realidade.

A ONU, o Globalismo e os Estados

Para os anti-globalistas, a ONU é frequentemente tratada como uma espécie de hidra mundial dominando ou exercendo influência determinante sobre os países.⁷

5 Embora não seja uma regra, fica claro que há uma tendência, os dez primeiros melhor colocados em liberdade econômica também mantêm elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), assim como os dez piores também se caracterizam por péssimos indicadores sociais. Conferir: KIM, Anthony B. *et al.* (2021).

6 Cf. Country comparison New Zealand vs Denmark 2022. Disponível em: <<https://countryeconomy.com/countries/compare/new-zealand/denmark>>. Acesso em: 17 fev. 22; Denmark vs New Zealand: Economic Indicators Comparison. Disponível em: <<https://georank.org/economy/denmark/new-zealand>>. Acesso em: 7 fev. 22.

7 Para maior conhecimento das ideias de Carvalho sobre a ONU, acessar a *tag* correspondente em seu site. Cf. <https://olavodecarvalho.org/tag/onu/>.

Para quem conhece minimamente o que a organização, através de suas agências, tem sugerido aos países pode perceber quão longe está de exercer algum poder direto. Além de que a ONU tem como principal centro decisório para as questões de segurança internacional, o Conselho de Segurança, constituído por um grupo seletivo de países mais poderosos como membros permanentes, China, França, Estados Unidos, Reino Unido e Rússia, para os quais há mais divergências do que sincronia nas questões geopolíticas.

Mesmo que tratemos de fenômenos sem verificação empírica, a simples teoria sobre eles vai sofrer constantes tentativas de refutações de outras teorias e isto, por si só, pode (e, no caso, o faz) eliminar a acurácia da teoria do “estado mundial” ou globalismo. Se não adotarmos o princípio de *testar as teorias*, seja com casos concretos, seja buscando falhas na argumentação lógica, simplesmente enveredamos para o dogmatismo, exatamente como Carvalho procede.⁸ Este é um erro fácil de detectar com o menor esforço de pesquisa histórica, já que existem diferentes estados, com diferentes origens e desenvolvimento que não servem para explicar uns aos outros. Diversas circunstâncias históricas favoreceram alguns, inclusive situações geográficas particulares, enquanto que outros foram mais acometidos por ataques, invasões ou entraram em guerras que retardaram e dificultaram seu desenvolvimento econômico.

Neste mundo competitivo internacional, *hobbesiano*, alguns estados impõem sua força aos demais e, quando estabilizada, predominam hegemonicamente através de “estratégias suaves”, o chamado *Soft Power*, interrompidas episodicamente por doses de força militar aplicadas “homeopaticamente”, assim que julguem necessário. Não há, portanto, uma articulação global, mas articulações que se impõem sobre o globo e competem entre si formando várias polaridades. Estes

⁸ Para Karl Popper, não é a quantidade de evidências em contrário que derruba uma teoria, mas que sua testabilidade (e contestação) pode ocorrer *ad infinitum*. Cf. <https://plato.stanford.edu/entries/popper/>.

centros de força, não raro se engalfinham em suas “guerras por procuração”, as chamadas *Proxy Wars*, que se tornaram, particularmente frequentes da Guerra Fria até os dias de hoje.



Hércules Matando a Hidra de Lerna, Cornelis Cort (1533–1578). A figura mitológica de um monstro com vários tentáculos ou cabeças que faz parte de um só organismo no imaginário popular é ancestral e remete, na sua forma atualizada, ao que chamam de “globalismo”.

Ainda como exercício do contraditório, o que poderíamos advogar em defesa da teoria do “estado mundial” (ou *globalismo*) de Olavo de Carvalho? Sinceramente, não conseguimos ir além. Por mais que se tente, tudo que obtemos é a constatação que além da realidade empírica, além da consistência teórica, falta à teoria do globalismo de Carvalho, método analítico capaz de compreender a realidade. Vejamos o que nos diz Raymond Aron sobre o contexto da Guerra Fria:

Não se pode estabelecer uma correlação rigorosa entre a atitude diplomática e o regime interno de cada Estado do terceiro mundo. Os que se aproximam da União Soviética tendem a criar instituições e a recorrer a práticas imitadas daquele país e da China. Contudo, mesmo esta tendência não se manifesta claramente pelo menos enquanto um partido aliado de Moscou ou de Pequim não assume o poder. O Egito usa armas soviéticas, mas prende os militares esquerdistas, inclusive comunistas.

Os países em desenvolvimento que se aliam ao Ocidente não são caracterizados nem por um determinado grau de desenvolvimento nem por um tipo especial de regime, liberal ou democrático. Os motivos mais comuns que levam os Estados asiáticos à aliança com os Estados Unidos são: a situação geopolítica, a debilidade do grupo que está no poder, uma ameaça externa, um conflito local, o desejo de receber assistência econômica ou militar. A amizade (verbal ou diplomática) com a União Soviética se explica – de acordo com o caso, e em proporções diferentes – pelos ressentimentos com relação ao Ocidente, a tática de *chantage*, a preocupação em desarmar a oposição da extrema esquerda.

As análises abstratas negligenciam uma dimensão da realidade: as duas superpotências e os dois blocos se defrontam, se opõem e rivalizam nos quatro cantos do mundo, mas as conjunturas regionais são diferentes. O sistema é universal, mas está composto de subsistemas (ARON, 1979, p. 378-379. Grifos meus).

Embora não seja o foco deste artigo, que é o desmantelamento da teoria do globalismo, a teoria do imperialismo capitalista, notadamente, de matriz marxista parece ser um bom exemplo de como se processa sua argumentação. Um dos maiores expoentes desta tradição, David Harvey, afirma:

O imperialismo do tipo capitalista surge de uma relação dialética entre as lógicas territorial e capitalista do poder. Essas duas lógicas se distinguem por inteiro, não podendo de modo algum reduzir-se uma à outra, mas se acham estreitamente entrelaçadas. Podem ser concebidas como relações internas uma da outra. Mas os resultados podem variar substancialmente no espaço e no tempo. Cada lógica faz surgir contradições que têm de ser contidas pela outra. A acumulação interminável do capital, por exemplo, produz crises periódicas no ambiente da lógica territorial devido à necessidade de criar uma acumulação paralela de poder político/militar. Quando o controle político se altera no ambiente da lógica territorial, os fluxos de capital também têm de se alterar para adaptar-se a isso. Os Estados regulam seus negócios segundo suas próprias regras e tradições peculiares, produzindo assim estilos específicos de governo. Cria-se aqui uma base para desenvolvimentos geográficos desiguais, lutas geopolíticas e diferentes formas de política imperialista. O imperialismo não pode assim ser entendido sem que primeiro lutemos com a teoria do Estado capitalista em toda a sua diversidade. (...) Embora possa haver muito de contingente e acidental – na verdade não poderia ser de outra forma, dadas as lutas políticas contidas na lógica territorial do poder (HARVEY, 2004, p. 149-150).

No parágrafo acima ficam claros, pelo menos, três pontos com que Harvey se debate para justificar sua tese:

- Há lógicas diferentes de dominação, a capitalista e a política que, obviamente apresentam interação;
- Uma teoria do estado capitalista deve ser aprimorada para explicar o fenômeno do poder;
- O que é “acidental” na história ajuda a entender especificidades do tipo de domínio ou imperialismo desenvolvido.

Karl Marx não tinha uma teoria do estado, pois se o tivesse, provavelmente não conseguiria formular sua filosofia da história onde duas classes fundamentais – a capitalista e o proletariado – definem os rumos da história. Portanto, quando Harvey clama pela necessidade de se desenvolver tal teoria é porque ele entende esta lacuna, com a qual, diga-se de passagem, vários marxistas já se defrontaram. O entendimento da política deverá compor uma teoria do estado, assim como a análise histórica de sua administração e burocracia, o que não se resume à lógica do capital. E esta lógica, tampouco, pode ser entendida como causa última do fenômeno político. Por isso, justamente, o que Harvey chama de “acidental” ou “contingente” são normalidades na história, não necessariamente previsíveis e muito menos determináveis como gostariam de crer os devotos de uma “filosofia da história”. O problema é que assumir isso vai em sentido exatamente oposto a tudo que Marx já escreveu como essência de sua obra, de sua filosofia e de todas suas teorias interconectadas e, como um bom marxista, David Harvey não poderia dar esse passo.

Então, qual o sentido desta observação sobre o pensamento de um eminente teórico marxista, portanto, da esquerda acadêmica quando tratamos da visão da direita conservadora sobre o globalismo? Simples: *ambas as tradições de pensamento tratam de fenômenos político-sociais similares, um chamado de imperialismo, o outro de globalismo e a maneira de procederem, buscando um nexo lógico entre fenômenos de origens e desenvolvimentos diversos é exatamente a mesma. A questão é, o que os distingue de fato? Nada, exceto pela “roupagem teórica” em que se apresentam.*

Do “estado mundial globalista” para o *Deep State*

Se a discussão sobre Capitalismo Vs Imperialismo na esquerda é mesma Globalização Vs Globalismo no campo da direita é possível entender estas categorias de modo diferente? Joseph Nye tem uma definição muito precisa sobre globalismo e globalização, dois termos que se confundem pelo seu uso corrente. Diz ele que:

O globalismo, em sua essência, procura descrever e explicar nada mais do que um mundo caracterizado por redes de conexões que abrangem distâncias multicontinentais.

Ele tenta entender todas as interconexões do mundo moderno – e destacar os padrões que as fundamentam (e explicam).

Em contraste, a globalização refere-se ao aumento ou declínio no grau de globalismo. Concentra-se nas forças, no dinamismo ou na velocidade dessas mudanças.

Em suma, considere o globalismo como a rede básica subjacente, enquanto a globalização se refere ao encolhimento dinâmico da distância em grande escala (NYE, 2002, n.p).

De certa forma o globalismo é a imposição de uma ordem global, o que já é bastante antigo, como a extensão natural do ímpeto imperialista, caso este não tenha sido arrefecido. A globalização, por seu turno, corresponde a um processo caótico de desenvolvimento das estruturas de domínio e/ou influência anteriores, nos campos social-cultural, político-econômico e militar.

Como uma ordem institucional se expande de modo descentralizado ou caótico? Pelas ideias e comunicação destas. É neste sentido que a frase de John M. Keynes, na epígrafe deste artigo, sobre a influência duradoura e expansão das ideias de economistas e filósofos faz sentido (*apud* GALBRAITH, 1982, p. 1). Quem imaginaria décadas atrás que tecnocratas estariam discutindo volumes de emissões de gás carbônico para definir investimentos nas diversas economias do globo? Ou, muito menos, se governos pudessem ter como critérios de avaliação seus graus de liberdade de expressão ou tratamento dado à diversidade sexual? Desta forma, o sentido histórico e analítico que poderia embasar o globalismo tem sido,

paulatinamente, substituído por uma grande conspiração. E não poucos governos têm se pautado por esta ideia.

Assim como regimes fascistas e o próprio nazismo tiraram suas ideias de algum teórico supremacista do passado. Antes de Olavo de Carvalho, os Estados Unidos já tinham uma longa tradição de pensadores e divulgadores das teorias conspiratórias sobre o globalismo, o que se pode datar com nitidez a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, ao associar o conceito ao próprio comunismo. Segundo esta ilustrativa matéria do New York Times:

Lauren Southern, apresentadora do site de mídia canadense de direita Rebel Media, rejeitou explicitamente seu uso como sinônimo de globalização (...) Ela disse que a palavra significava governo de autocratas – como o presidente Obama, o ex-presidente George W. Bush e as Nações Unidas – que valorizam “a falsa bandeira da diversidade” e “a imigração descontrolada do terceiro mundo”.

“Os globalistas quase sempre zombam da tradição, desprezam a cultura nacional, riem da religião e geralmente desprezam o Ocidente enquanto mantêm uma afeição assustadora pelo terceiro mundo”, acrescentou. “Eles querem fronteiras abertas, mão de obra barata e antinacionalismo para beneficiar seus negócios e visões políticas, e estão muito dispostos a enganar as pessoas simples para alcançá-lo” (STACK, 2016, n.p).

Teóricos da conspiração como Alex Jones (este provavelmente o mais prolífico deles), assessores políticos como Stephen K. Bannon, trabalharam intensamente durante anos, com audiência de milhões de ouvintes, sustentando a ideia de um “estado mundial”, do globalismo, de elites conspirando contra as nações, o chamado *Deep State*. Não é à toa que Donald K. Trump tenha utilizado este recurso, o discurso que beira a alucinação persecutória da “América ameaçada” que sempre rende votos de um eleitorado sugestível e mentalmente cativo. Se ele crê realmente nisso ou não é outra questão, afinal como bom comunicador que sempre foi, em sua lida e programa televisivo, ele sabe muito bem como captar a atenção do público. Portanto, ler que “os Estados Unidos sempre vão escolher a independência e a cooperação em vez de governos globais, controle e dominação”, como afirmou, Trump na 73ª Assembleia Geral da ONU, não deveria surpreender ninguém.

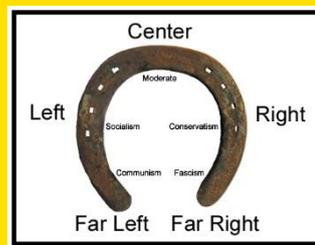
A Teoria da Ferradura

A ideia de que elites globalistas manipulam as sociedades através de esquemas globais muito bem articulados entre sistemas financeiros interconectados mundialmente e apoiados por grandes redes de mídia venais é sedutora, sobretudo quando substituímos a visão medieval de um Mal sempre presente a assolar o Bem supremo. Agora, pensemos de modo oposto, por que os últimos redutos da “civilização” defendidos por estados-nacionais não seriam centros de controle dispersos que usam este discurso amedrontador para, justamente, exercerem o poder que acusam os conspiracionistas? Na verdade, o nacionalismo tem sido utilizado através dos séculos como controle e manipulação de massas anulando dissensos. O nacionalismo em si não é antidemocrático, mas ele contém o germe do totalitarismo quando ignoramos o fato de que a democracia não é apenas a sedimentação de consensos, mas a regulação de conflitos. E nada melhor para a supressão destes conflitos do que a exaltação de um bem comum imaginário e supremo que apague a existência de divergências de diferentes origens, étnicas, de classe, regionais etc.

O discurso anti-globalista não passa de uma colcha de slogans políticos quando destituídos de propostas pragmáticas e exequíveis. Quando temos elites usando símbolos patrióticos sem uma direção concreta para a formulação de políticas públicas e massas nas ruas levantando bandeiras sem perceber contradições claras entre o que defendem como, por exemplo, o liberalismo econômico ao mesmo tempo que se propõe subsídios para “setores estratégicos”, isto revela que falta o mínimo de discernimento teórico sobre ideologias e programas de governo.

Durante muito tempo vimos a direita brasileira chamando os manifestantes de partidos de esquerda ou causas políticas da esquerda de “massa de manobra”, “idiotas úteis”, mas o que observamos hoje é, claramente, o mesmo método de

manipulação de massas. Mesmo que um extremo do espectro político se diga “defensor de deus, da tradição e da família” ou “contra o globalismo” e o outro se diga “defensor do estado, da revolução, da comunidade” ou “contra o imperialismo”, o fato é que *eles têm o mesmíssimo método calcado na desinformação, calúnia e ameaça*, o que os torna muito mais próximos do que se poderia imaginar e, exatamente, o contrário que eles próprios se imaginam. São duas faces de uma mesma moeda, irmãos de guerra contra a civilização e a sociedade aberta e tolerante. Em uma imagem, não são extremos de uma régua política, mas sim “pontas de uma ferradura”:



O Nacionalismo Conveniente

Outra faceta do discurso anti-globalista é que ele se aloja dentro do protecionismo econômico e é exatamente aí que algumas elites, do “capitalismo de compadrio”, o chamado *crony capitalism*, se tornam ufanistas, por mera conveniência é claro. Se a globalização não prescinde de grandes corporações internacionais e redes de comunicação, se opor a ela é privilegiar grupos que “ainda não chegaram lá” e que se tornariam os maiores beneficiários de um fechamento ou controle de mercados. Nesse sentido, é difícil falar em coincidência de certos capitalistas apoiarem veementemente movimentos anti-globalistas. Embora estes afirmem que “o globalismo é diferente de globalização”, na prática, suas defesas são de uma economia nacional protegida, na medida que se opõem às ditas “elites globais” que dirigem o comércio externo. Tais elites nacionais, favorecidas por políticos, dizem se opor ao globalismo, mas na prática temem a competição,

essência do capitalismo de verdade, ao barrar o avanço da globalização. E qual a forma de obter apoio popular nisto tudo se não pintar seus concorrentes externos como vilões e “inimigos da nação”, ou melhor da “civilização ocidental”. Se alguém aí imaginou “China” captou o que quisemos dizer, a *sinofobia* não passa de um expediente histórico conjuntural para beneficiar grupos incrustados na estrutura do estado, o velho e bom *proteccionismo econômico*. Seja nos discursos de Trump na ONU em 2018, seja nas declarações do ex-chanceler brasileiro Ernesto Araújo, o anti-globalismo permanece como um sentimento ao invés de uma teoria ou programa, já que basta “amar a pátria” e ser contra as influências e elites estrangeiras. Talvez não seja a intenção de muitos dos que acreditam na teoria globalista, mas tudo parece ser uma estratégia eleitoreira ou política permanente para desviar a atenção do público.

Desde as manifestações de Seattle em 1999, quando a esquerda americana se notabilizou com o discurso anti-globalização, a direita abraçou a tese conspiracionista e ambos os grupos elegeram um inimigo comum, os *globalistas*. O fato de que organismos mundiais, como a OMC, líderes como Tony Blair, Bill Clinton ou países como a China adotarem políticas de livre-comércio não quer dizer que “conspiraram contra algo”, apenas que tiveram bom senso. A paranoia é tanta, que até mesmo um político de direita americana como George W. Bush falar em “nova era” em um de seus discursos passou a ser visto, como *prova*, um sinal de ataque à ordem dos estados-nação e à tradição.

Considerações Finais

As conspirações não são mera obra de ficção, elas existem, mas não são únicas em um tempo histórico, são tantas que podem competir entre si, assim como empresas na economia de mercado. Obviamente que temos hierarquia de poder entre elas também, mas dificilmente uma passa incólume durante muito tempo sem que seja desafiada por outro grupo, em outro território nacional ou regional. O mais estranho, porém, é o apelo e sedução que exerce uma teoria tão pretenciosa de alcance global, algo que dificilmente não seria percebido e combatido. Entre as

inúmeras falhas no raciocínio que um teórico do globalismo seria capaz de cometer, está a certeza preguiçosa de não pôr sua explicação de mundo à prova. Em segundo lugar, achar que neste mesmo mundo não existiriam outros centros de poder e subgrupos dispostos a competir por um naco cada vez mais de poder político-econômico.

Um anátema constitui uma reprovação, enérgica, um ato de excomunhão contra um herege e é exatamente assim que dissidentes do marxismo-leninismo sempre foram tratados e, como se história gostasse de pregar suas peças, o liberal-conservador faz exatamente a mesma execração de quem discorda de seu “estado mundial”. Quando escrevemos estas linhas nosso foco estava na teoria globalista, uma adaptação da velha visão leninista que ensejou uma ideologia terceiro-mundista, de países pobres contra a “exploração mundial”, sendo copiada por teóricos de direita contra um mal articulado contra sua civilização. A atual oposição entre o cosmopolitismo globalista e o tribalismo nacionalista compõe uma química incendiária de nosso tempo, do qual a xenofobia prova que não existe uma evolução positiva certa e segura para a humanidade. Mas isto não deveria nos impedir de tentar reestabelecer o curso do comércio internacional, da democracia e da liberdade através da busca pela verdade.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

CARVALHO, Olavo de. **Estados e Estados**. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/estados-e-estados/>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2022.

GALBRAITH, John Kenneth. **A Era da Incerteza**. 4ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KIM, Anthony B.; MILLER, Terry; ROBERTS, James. **Índice de Liberdade Econômica 2021**. The Heritage Foundation (trad. Instituto Monte Castelo). Disponível em: <<https://institutomontecastelo.files.wordpress.com/2021/03/indice-de-liberdade-economica-2021-1.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 22.

MARCHAO, Talita. **O que é o globalismo, em debate pelo Itamaraty, segundo oito especialistas.** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/05/24/o-que-e-globalismo-que-sera-debatido-pelo-itamaraty.htm>>. Acesso em: 6 fev. 22.

NYE, Joseph. **Globalism versus Globalization.** Disponível em: <<https://www.theglobalist.com/globalism-versus-globalization/>>. Acesso em: 8 fev. 22.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica.** 9ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

RALLO, Juan Ramón. **Você sabe o que realmente significa “neoliberalismo”?** Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2542/voce-sabe-o-que-realmente-significa-neoliberalismo>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2022.

STACK, Liam. **Globalism: A Far-Right Conspiracy Theory Buoyed by Trump.** Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/15/us/politics/globalism-right-trump.html>>. Acesso em: 15 fev. 22.

WEBER, Max. **Economía y Sociedad.** 2ª edición. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

Recebido em 17.02.2022.

Publicado em 01.04.2022.